

Clube de Filosofia Al-Mu'tamid

“QUE FIZESTE AO TEU IRMÃO?”

DIGNIDADE HUMANA E CONDENAÇÃO DO TRÁFICO DE SERES HUMANOS NOS TEXTOS SAGRADOS

Organização e Introdução:

Maria Julieta Mendes Dias e Paulo Mendes Pinto

Recolha:

José Carlos Calazans

Marco Oliveira

Maria Julieta Mendes Dias

Mahomed Abed

Rui António da Costa Oliveira

22 de Outubro de 2013

Aquando da tertúlia mensal:

“O Tráfico de Seres Humanos”

A ideia

Não deve haver mais bem conseguida relação de simbiose que aquela que encontramos entre o texto e o contexto. Apesar da grafia das partes apenas nos indicar a dependência de uma em relação à outra, a verdade é que ela é biunívoca e, como tal, implica uma relação profunda em ambos os sentidos.

E assim nos encontramos neste pequeno projecto. Um texto tido como sagrado por um qualquer grupo humano não pode ser brutalmente separado do contexto social e político onde surgiu. Entendamos, qualquer dos leitores, que algum ou alguns dos textos aqui editados é sagrado, ou não, a verdade é que todos eles vieram à luz do dia num certo, e mesmo que eventualmente incerto, dia. Foi para esse dia e para os seus habitantes que a linguagem e a cultura neles espelhados era otimizada.

Por exemplo, será sempre impossível olhar com seriedade para os textos sobre o Jubileu judaico sem perceber as crises agrárias e económicas da época, percebendo ainda a relativização que sempre se terá feito em relação ao que essas regras ditavam. Da mesma forma, nunca poderemos esperar encontrar nos textos do Oriente mais distante os conceitos de Liberdade que o Ocidente foi criando no ambiente que resultaria na Revolução Francesa e na Independência Americana.

Mas, o que nos interessa é a ideia de perenidade do Texto Sagrado. Feito num quadro humano, ele passou a ser modelo, imagem, anseio, para milhares de quadros seguintes, para gerações consecutivas, para geografias por vezes distantes, para falantes de outras línguas, para a babel que é a diversidade.

Ontem, como hoje, esses textos são lidos e interpretados. Marcados pelo seu tempo, comunidades inteiras, e mesmo não-crentes, olham para eles com o respeito que se dá a quem vemos possuir um conhecimento elevado.

Estes textos são, inevitavelmente, fonte para se compreender o tempo em que foram produzidos, mas são ainda, e talvez mais importante, reguladores e inspiradores para todos os tempos posteriores. Imagem de um tempo, formularam os tempos.

E aí, na perenidade, na quase imobilidade dos tempos longos, percebemos as constantes, o que de essencial fica quando nos abstraímos do acessório de cada momento. E do que de mais essencial encontramos é, de facto, a vida e a dignidade em torno dela.

Ora, donde virá esta questão? A resposta está imediatamente no facto de quase sempre se acrescentar, em frases deste género, a pequena mas sintomática palavra «semelhante». Quase de forma inata, todos somos candidatos a “semelhantes” num quadro de visão ética sobre o outro. “És pó e ao pó voltarás”, seguindo o texto bíblico (Génesis 3, 19), dizemos muitas vezes como que ameaçando quem tenta fugir ao simples facto de, na Criação, todos os descendentes de Adão termos um lugar semelhante.

Há quase cinco mil anos, Gilgamesh, um rei de Uruk, no actual Iraque, um monarca tão poderoso que viria a ser quase divinizado, perguntava-se, perante os corpos humanos a boiar no Eufrates, do sentido da condição humana. Os conceitos e as suas palavras não eram estas, mas o sentir seria em tudo semelhante ao nosso. Mais tarde, quase ao chegar à nossa Era Comum, a cristã, Ashoka tomaria a mesma questão ao conquistar tudo o que poderia ambicionar ... e, agora, para que me serve tudo isto? Porque foi necessário tanto sofrimento e tanta mortandade? Qual Buddha que de repente abre os olhos, quantos de nós não acordamos apenas repentinamente para perceber que nunca víramos o que sempre estava à nossa frente: o sofrimento de um qualquer outro.

“Que fizeste do teu irmão?”, pergunta directa e sem rodeios Deus a um dos irmãos filhos de Adão (Génesis 4, 9). Tal como Caim e Abel, também mais à frente na narrativa os irmãos de José o venderão. Este episódio é, aliás, uma das imagens mais bem conseguidas do que na Antiguidade mediterrânica seria o tráfico humano. Um negócio altamente rentável e, acima de tudo, normal.

Já no terceiro milénio antes da nossa era, os primeiros legisladores da Humanidade se preocupavam com a fragilidade e a dignidade daqueles de nós que mais facilmente eram vendidos ou abandonados: as mulheres. Economicamente, implicavam um dote o que, até há muito pouco tempo, e referimos o nosso espaço europeu, era motivo de desgraça para muitas jovens que não podiam ter acesso a uma vida enclausurada num convento. Ainda hoje muitas crianças e adolescentes indianas são doadas para a prostituição sagrada num misto de aligeiramento financeiro das famílias pobres e de manutenção de formas de religiosidade ancestrais que mais não são que escapes sociais.

É contra esta milenar situação que o célebre Código de Hammurabi lança alguns direitos quase inalienáveis da mulher. Reaver o dote, manter posse de bens, poder pedir o “divórcio”, são alguns

dos aspectos que os códigos da então sociedade semita vão contemplar e levar até nós. Quer no mundo judaico, quer no islâmico, a mulher terá formulários de protecção que, por exemplo, não encontramos em algumas sociedades Indo-Europeias – basta lembrar que em Roma a mulher não tinha personalidade jurídica o que, não esqueçamos, em muito influenciou a cultura deste Ocidente que somos nós e justifica as páginas deste texto.

Sim, porque quando tratamos este problema, não podemos esquecer que, usando mais uma vez a linguagem matemática, nada se passa apenas num sentido: se alguém vende é porque outro alguém quer comprar. Se num país pobre uma mulher é vendida para a escravatura, isso apenas ocorre porque num país rico existe um mercado para esse produto, o que mantém o negócio rentável.

Neste sentido, no da tão grande actualidade que este problema apresenta, que utilidade pode ter um volume como este? Quanto mais não seja, a simples e imediata de se apresentarem alguns textos que, como muitos outros, tratam de forma directa ou indirecta a questão.

Mas mais longe estes textos nos levam. Tratando-se de textos tão lidos e tidos em conta desde há tanto tempo, mais-valias outras eles apresentam. E a primeira encontra-se no facto de, nos Textos Sagrados, se encontrar um património irremediável de estaticidade. De um tempo distante, lidos num tempo actual, estes textos transmitem grandes linhas de pensamento.

Hoje, e regressando à ideia de contexto, apesar de o meio dos leitores ser outro, nada próximo ao da produção destes textos, eles tocam-nos, eventualmente, ainda mais. Pela profundidade e simplicidade, quase de um tempo primordial, um texto antigo remete-nos para um horizonte de quase não tempo.

Muitas vezes, sem o dizerem, os textos antigos remetem para questões que no correr do dia-a-dia não imaginamos. Perante um texto com o nome de qualquer um dos que aqui apresentamos, o respeito e a atenção surgem automaticamente.

Num tempo quase mítico, à distância de uma simples leitura, somos remetidos para uma imagem original de reposição de lugares no cosmos. É nesta dimensão de não temporalidade que estes textos materializam a sua máxima função: despertarem em todos a imagem do óbvio.

Rig Veda

1.79.11 – Que o homem que nos escraviza caia Ó *Agni*; que Tu nos acompanhes no progresso e na prosperidade.

10.117.4-5: Aquele que nada dá ao seu amigo e companheiro que implora por comida, não é amigo. Que ele se vá — essa não é a casa para descansar — pois é melhor que procure por um estranho que o ajude.

Que o rico satisfaça o pobre que implora, e que curve o olhar sobre um caminho mais vasto. A abundância chega a um e a outro, e como as rodas dos carros está sempre a rodar.

10.133.5 – Ó resplandecente Indra, destrói o poder do homem que nos quer escravizar, quer ele seja estrangeiro ou não, mesmo que a sua força seja tão grande quanto o céu.

10.191.4 – Que uma só seja a tua resolução. Que um só sejam os pensamentos de todos e que todos vivam em paz.

Atharvaveda (vedismo)

Somos pássaros do mesmo ninho; podemos ter peles diferentes; podemos falar línguas diferentes; podemos ter religiões diferentes; podemos pertencer a diferentes culturas. Mas partilhamos a mesma casa, a Terra; nascidos no mesmo planeta; cobertos pelos mesmos céus; olhando as mesmas estrelas; respirando o mesmo ar. Temos de aprender a evoluir juntos ou, perecer miseravelmente juntos, porque uma pessoa pode viver sozinha, mas só pode sobreviver colectivamente.

Bhagāvad Gitā

5.18 – Uma pessoa iluminada olha para um *Brāhmane* culto ou humilde, para um escravo, ou até para uma vaca, um elefante ou um cão, como os mesmos olhos.

5.19 – Tudo foi atingido nesta mesma vida por aqueles em cuja mente se mantém a igualdade. Tal pessoa realizou o *Brahman* porque o *Brahman* não tem falhas e é imparcial

9.29 – Eu protejo todas as criaturas de forma igual; nenhuma me é menos ou mais querida.

9.32-33 – Todos aqueles que se refugiam em mim, qualquer que seja o seu nascimento, raça, sexo ou casta, atingirão o mais elevado propósito; esta realização pode ser alcançada até por aqueles a quem a sociedade afasta. Os reis e os sábios procuram esta meta com devoção.

Basavanna (Shivaísmo)

(...) A compaixão é a origem de todas as religiões. Tratai todos os seres vivos com bondade. Vivei para o bem-estar de todos. Não vivei para o egoísmo e para os interesses pessoais. (...)

(...) Nenhum homem deveria ter orgulho ao pensar “eu dou isto” ou “eu dou aquilo”. O que um homem faz, deveria fazê-lo com devoção no seu coração. Não deveria ser para fazer publicidade; nem até com anúncio público. (...)

(...) Todas as pessoas deveriam ter oportunidades iguais na vida religiosa. Nascimento, profissão, posição ou sexo não deveriam fazer diferença. (...)

(...) Todos deveriam ter um estilo de vida justo e honesto. Ninguém deveria pedir. Do ganho diário cada um deveria tirar apenas o necessário para manter a família. O restante deveria oferecer, como serviço, a Deus para benefício dos outros. Todos deveriam corrigir os desvios da mente. Todos deveriam tentar atingir o nível Santidade através da oração e da meditação. Este é o fim da vida. (...)

Adi Granth; Āsa (sikhismo)

Sabe que todos os seres humanos são receptáculos da Luz Divina; não pares de te questionar sobre as suas castas; para além da morte não há castas.

Buddha, *Dhammapada*

84 – Por causa de si próprio, ou por causa de outro, uma pessoa não deveria esperar ter um filho, riqueza ou um reino. Aquele que não ambiciona ter sucesso ou prosperidade de forma desmerecida, é realmente virtuoso, sábio e honrado.

96 – A sua mente (*manas*) torna-se tranquila, a sua palavra (*vācā*) e as acções (*kamma*) são calmas. Tal é o estado de tranquilidade daquele que atingiu a libertação (*vimutti*) através da realização da verdade.

271/272 – Não é apenas através da moralidade e da autodisciplina, nem pela aprendizagem, nem mesmo através do *samādhi* (iluminação), ou até pela reclusão, que eu atinjo a alegria da liberdade, que não é atingível por um vulgar mortal. Um *Bhikkhu* (monge) não descansa enquanto não extingue todos os desejos.

343 – As pessoas envolvidas pelo desejo andam às voltas como um coelho apanhado no laço. Portanto, um *Bhikkhu* que deseja a liberdade, deve libertar-se do desejo.

355 – As riquezas destroem o louco, mas não aqueles que procuram a outra margem. Através do desejo pela riqueza material, a pessoa destrói-se a si mesma como aos outros.

393 – Não é por se ter o cabelo entrançado, nem por nascimento (casta), que alguém se torna num *Brāhmane*. Mas aquele em que more a verdade e a rectidão, esse é puro e é um *Brāhmane*.

O Evangelho de Buddha —

O Príncipe Siddhattha torna-se num Buddha, IX. “A procura do Bodhisatta”

(...) Assim como a erva *muñja* quando livre do seu invólucro espinhoso, assim como uma espada desembainhada, ou como um pássaro selvagem que escapa da sua prisão, assim o ego, libertando-se de todas as limitações, encontra a liberdade perfeita. (...) O *Bodhisatta* não contente com estes ensinamentos, respondeu: “As pessoas vivem na escravidão porque ainda não afastaram a ideia do ego.(...)”

A Fundação do Reino da Rectidão, XX. “O Sermão de Rājagaha”

(...) Vós que sois escravos do ego e que trabalhais ao seu serviço de manhã à noite, vós que viveis com medo constante do nascimento, da velhice, da doença e da morte, recebei as boas novas de que o vosso cruel senhor não existe. (...)

O Príncipe Siddhattha torna-se num Buddha, XXIII. “Anāthapindika”

(...) Não é a vida, nem a riqueza nem o poder que escravizam os homens, mas a inclinação para a vida, para a riqueza e para o poder. (...)

Sutta-Nipāta (Vāsettha-Sutta)

3.9.648 – E o que dizer de todos estes títulos, nomes e raças? Estas são meras convenções mundanas.

Sūtra de Hui Neng

1 – “Tu és natural de *Kwangtung*, és um bárbaro. Como podes esperar vir a ser um *Buddha*?” perguntou o Patriarca.

Hui Neng respondeu: “Apesar de haver homens do norte e do sul, não há diferença entre norte e sul na sua natureza búdica. Um bárbaro é fisicamente diferente de Vossa Santidade, mas não há diferença nas nossas naturezas búdicas.

Mahābhārata Śantiparva

262.5/6 – Esse estilo de vida fundado na completa não agressão para com todas as criaturas ou com o mínimo de dor, é a mais alta moral.

Escritos de Bahá'u'lláh

CXXX: Sê generoso na prosperidade e grato no infortúnio. Sê digno da confiança de teu próximo e dirige-lhe um olhar afectuoso e acolhedor. Sê um tesouro para o pobre, uma advertência para o rico, uma resposta ao pranto do necessitado, e preserva a santidade das tuas promessas. Sê recto no teu julgamento e comedido nas tuas palavras. Com ninguém sejas injusto e a todos mostrai brandura. Sê como uma lâmpada para os que caminham nas trevas, um consolo para o triste, um mar para o sedento, um refúgio para o abatido, um sustentáculo e defensor da vítima da opressão. Que a integridade e a rectidão marquem todos os teus actos. Sê um lar para o forasteiro, um bálsamo para o sofredor, fortaleza para o fugitivo. Sê os olhos para os cegos e farol para os pés dos que se perdem. Sê um adorno na face da verdade; uma coroa na fronte da fidelidade; um pilar no templo da rectidão; um sopro de vida no corpo da humanidade; um estandarte das hostes da justiça; uma estrela sobre o horizonte da virtude; uma gota de orvalho no solo do coração humano; uma arca no oceano do conhecimento; um sol no céu da generosidade; uma jóia no diadema da sabedoria; uma luz radiante no firmamento de tua geração; um fruto na árvore da humanidade.

O Kitáb-i-Aqdas

Parágrafo 72: É-vos proibido o tráfico de escravos, sejam homens ou mulheres. Não cabe a quem é, ele mesmo, um servo comprar outro dos servos de Deus, e isso foi proibido na Sua Sagrada Epístola. Assim, por misericórdia d'Ele, a Pena da Justiça registou o mandamento. Que nenhum homem se enalteça acima dos demais; todos são apenas cativos diante do Senhor, e todos são exemplos da verdade de que não há outro Deus além d'Ele. Ele, em verdade, é o Conhecedor de tudo, Cujas sabedorias abrangem todas as coisas.

Epístola à Rainha Vitória

Fomos informados de que proibiste o tráfico de escravos, tanto de homens como de mulheres. Isso, em verdade, é o que Deus ordenou nesta Revelação maravilhosa. Deus, em verdade, destinou-te uma recompensa por isso. A quem fizer o bem, Ele, em verdade, remunerará devidamente – fosses tu seguir o que te foi enviado por Aquele que é o Omnisciente, O informado de tudo.

Textos de 'Abdu'l-Bahá (Respostas a Algumas Perguntas)

Cap. 78: Perguntastes acerca de greves. É uma questão que é, e será por muito tempo, motivo de grandes dificuldades. As greves devem-se a duas causas: uma é a extrema ganância e rapacidade

dos capitalistas e industriais; outra é a avidez e intransigência de trabalhadores e artesãos. É necessário, pois, remediar estas duas causas.

Mas a principal causa destas dificuldades está nas leis da actual civilização; estas permitem que um pequeno número de indivíduos acumulem fortunas incomparáveis, para lá das suas necessidades, enquanto que a maioria permanece destituída, despojada e na maior miséria. Isto é contrário à justiça, à humanidade, à equidade; é o cume da iniquidade, o oposto daquilo que causa a satisfação divina.

Este contraste é característico do mundo humano. Entre as outras criaturas, isto é, entre quase todos os animais, existe uma espécie de justiça ou igualdade. No caso de um rebanho sob os cuidados de um pastor, ou de um grupo de veados nos campos, ou de pássaros nos prados, planícies, colinas ou pomares, cada um recebe, em geral, a sua parte justa, baseada na igualdade. Esta desigualdade nos meios de substância não se encontra entre eles; por isso, vivem em paz e em perfeita harmonia.

Muito diferente é o caso da espécie humana, que persiste no maior erro, na absoluta iniquidade. Considere-se um indivíduo que acumula tesouros ao colonizar um país para seu próprio proveito; adquire uma fortuna incalculável, usufruindo lucros enormes, rendimentos que fluem como um rio, enquanto cem mil pessoas fracas e desvalidas, necessitam de um pedaço de pão. Não existe igualdade nem benevolência. Assim, vê-se que a paz e a satisfação gerais são destruídas e o bem-estar da humanidade são negados ao ponto de tornar infrutíferas as vidas de muitos. Pois as fortunas, as honras, o comércio, a indústria estão nas mãos de alguns industriais, enquanto as outras pessoas estão sujeitas a um grande conjunto de dificuldades e a problemas ilimitados; não possuem vantagens, lucros, confortos ou sossego.

Assim, devem ser estabelecidas leis que regulamentem as fortunas excessivas de indivíduos particulares e responda às necessidades de milhões das massas pobres; assim, uma certa moderação será conseguida. No entanto, a igualdade absoluta é impossível; a igualdade absoluta nas fortunas, honras, comércio, agricultura, indústria terminariam em desordem e caos, na desorganização dos meios de existência e na desilusão universal; a ordem da comunidade seria praticamente destruída. As dificuldades também surgiriam se se tentasse impor uma igualdade injustificada. Assim é preferível que a moderação seja estabelecida através de leis e regulamentos que impeça a constituição de fortunas excessivas de indivíduos particulares, e proteja as necessidades essenciais das massas. Por exemplo, os fabricantes e industriais acumulam tesouros todos os dias, enquanto que os pobres artesãos não ganham o seu sustento diário; isto é o cúmulo da iniquidade e nenhum homem justo o pode aceitar. Assim, devem-se estabelecer leis e regulamentos que permitam aos trabalhadores receber os seus salários e um quarto ou um quinto dos lucros, de acordo com a capacidade da fábrica; ou de qualquer outra forma, o corpo dos trabalhadores e fabricantes deve partilhar equitativamente os lucros e benefícios. Na verdade, o capital e a gestão vêm do dono da fábrica, e o trabalho e o esforço vêm do corpo dos trabalhadores. Os trabalhadores devem receber salários que lhes garanta um sustento adequado, e quando deixem de trabalhar, fiquem doentes ou desamparados tenham benefícios suficientes dos rendimentos da indústria; ou então, os salários devem ser suficientemente elevados para satisfazer os trabalhadores com o que recebem e permitir-lhes poupar um pouco para os dias de necessidade e desamparo...

Nos tratados tradicionais da teologia islâmica, a compaixão (bondade) [*l'ihân*] conhecida como o terceiro elemento da vida religiosa, é sumariamente tratada e vagamente definida. As lacunas e imprecisões resultam da complexidade do próprio sentido do vocábulo *l'ihân* que implica etimologicamente a ideia de *beneficência*, de *perfeição*, de *bondade*, de *simpatia* para com os outros, de desejo de proceder para como próximo da mesma forma que se deseja que procedam para consigo mesmo.

A Tradição matiza esta disposição do coração e da alma como uma recomendação, como uma «prática do bem ao serviço de Deus, como Ele nos pede».

L'ihân está, com efeito, em conexão estreita com os princípios teóricos e a prática da vida moral: fundamento da moral, da consciência, do dever, do direito, da responsabilidade, do indivíduo, da família, da sociedade, do trabalho, da propriedade, do Estado, da pátria, do mundo das relações, etc.

Estas noções gravitam pois sob os seus aspectos subjectivos (altruísmo, caridade), sob os seus aspectos objectivos (justiça, harmonia social, relação entre pessoas), à volta da ideia de *bem* na sua definição, na sua concepção, nas suas formas, na sua organização. *L'ihân* islâmico é a base do próprio bem, da justiça, da caridade e das relações humanas. A teologia do Islão indica-o como referência suprema da vontade divina.

Para a maior parte dos moralistas e para a maioria das outras religiões, o *bem* é um princípio e uma regra a aplicar: a justiça, a fraternidade, o altruísmo são postulados, dados *a priori* que é necessário ter presentes na actuação – são pontos de partida na ordem moral. Para o Islão não se trata de um ponto de partida, mas, principalmente, de um ponto de chegada. Eles realizam-se pelo esforço e o exemplo de cada um.

Os seres humanos são todos semelhantes e iguais perante Deus: nenhuma diferença os separa. O Islão bem cumprido exclui todas as distinções de raça, de classe social, de condições económicas, de sexo e de cor. As únicas qualidades que diferenciam os seres humanos são o *saber* e o *bem*. Porque a verdadeira sabedoria e a prática sincera do bem estão profundamente ligadas à profundidade da fé.

O Profeta Muhammad afirmou: «Nenhuma superioridade é reconhecida ao Árabe ou àquele que não é Árabe, a não ser a piedade.»

A igualdade social sobre a Terra é uma tarefa a realizar pelo homem, e não um dom a esperar de Deus, porque neste domínio, quando o homem se atém na expectativa desse dom, sem nada fazer, envereda pelo caminho da perdição. A expulsão de Adão do Paraíso, segundo o pensamento muçulmano, não foi uma perda, mas uma simples mudança de situação: uma substituição do dom (Paraíso) e da salvação outorgados (sem direito natural) pela felicidade e salvação que se alcançam pelo esforço humano.

Acerca da riqueza:

A maior parte dos Profetas bíblicos até Jesus e ainda os Filósofos de todos os tempos manifestaram uma atitude sarcástica perante a riqueza e a sua acumulação. Tanto nas religiões reveladas como nas filosóficas, assim como nas diferentes formas de paganismo, constata-se uma atitude muito negativa para com aqueles que têm na riqueza o seu único objectivo de vida. Os textos sagrados, as lendas, as apologias, as sentenças, as fábulas, as parábolas, as máximas, os ditos, os provérbios, os apotegmas exprimem a mesma hostilidade e deixam as mesmas advertências a todos os que vivem subjugados pela posse das riquezas.

Síntese do pensamento do Profeta acerca do conceito de posse conjugal:

O Profeta, no discurso testamentário, pouco antes da sua morte, recomendou: «Homens! Vós tendes direitos sobre as vossas esposas, mas as vossas esposas também têm direitos sobre vós [...] Temei a Deus no vosso comportamento com as mulheres.»

Alguns Versículos do Alcorão

Sura II, 72: «Recordai-vos de quando matastes uma pessoa e disputastes por isso: Deus põe a descoberto o que ocultais!»

Sura II, 177: «A rectidão [*birr*] não consiste apenas em que volteis, na oração, o vosso rosto para Oriente ou Ocidente. Recto é quem crê em Deus, no Último dia, nos Anjos, no Livro e nos Profetas; quem dá dinheiro por seu amor aos parentes, órfãs, pobres, ao viajante, aos mendigos e para o resgate de escravos.»

Sura XXII, 28: «[...] dai de comer ao desgraçado e ao pobre.»

Sura XXII, 37: "Nem suas carnes, nem seu sangue chegam a Deus; mas alcança-O a vossa piedade. Assim vo-los sujeitou, para que O glorifiquéis, por haver-vos encaminhado. Anuncia pois a bem-aventurança aos benfeitores".

Sura XXII, 41: « [Deus] socorrerá os que estabelecemos na Terra e cumprem a oração, dão esmola, mandam o estabelecido e proíbem o reprovável. A Deus pertence o fim das coisas.»

Sura XXIV, 33: «[...] se as vossas servas desejam ser mulheres honradas, não as obrigueis a prostituírem-se para conseguirem o que oferece a vida mundana. Quem as obrigue será o único culpado, pois Deus será indulgente e misericordioso para com elas depois da sua violação.»

Sura XLIX, 11: Ó fiéis, que nenhum povo zombe do outro; é possível que (os escarnecidos) sejam melhores do que eles (os escarnecedores). Que tampouco nenhuma mulher zombe de outra, porque é possível que esta seja melhor do que aquela. Não vos difameis, nem vos motejeis com apelidos mutuamente. Muito vil é o nome que detona maldade (para ser usado por alguém), depois de Ter recebido a fé! E aqueles que não se arrependem serão os iníquos.

Sura XLIX,12: Ó fiéis, evitai tanto quanto possível a suspeita, porque algumas suspeitas implicam em pecado. Não vos espreiteis, nem vos calunieis mutuamente. Quem de vós seria capaz de comer a carne do seu irmão morto? Tal atitude vos causa repulsa! Temei a Deus, porque Ele é Remissório, Misericordiosíssimo.

Sura XLIX,13: Ó humanos, em verdade, Nós vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em povos e tribos, para reconhecerdes uns aos outros. Sabei que o mais honrado, dentre vós, ante Deus, é o mais temente. Sabei que Deus é Sapientíssimo e está bem inteirado.

Berajot (Bênçãos)

2,7 – Quando morreu o seu escravo Tabi, [Raban Gamaliel] recebeu as condolências pela morte dele. Disseram-lhe, então, os discípulos: «Mestre, não nos ensinaste que não se recebem condolências pela morte dos escravos?» Ele respondeu: «Tabi não era um escravo como os outros. Era um homem extraordinário.»

3,3 – As mulheres, os escravos e as crianças estão dispensados da recitação do *Shemá* («Escuta, Israel») e do uso das filactérias, porém estão obrigados à *Tefilá*, ao uso da *mesusá* e à bênção das refeições.

Peá (Esquina do teu campo)

Este tratado versa sobre as antigas disposições em favor dos pobres. Contém as determinações rabínicas acerca dos procedimentos na apanha dos produtos, nas colheitas, em que se recomenda que a apanha não seja exageradamente cuidadosa, para que sempre restem «esquecidos» alguns frutos da terra para os pobres (Capítulos IV a VIII).

3,8 – Se alguém deixar, por escrito, os seus bens a um escravo, este fica livre. Porém, se conserva um terreno de qualquer dimensão que seja, não fica livre. R. Simeón diz que em qualquer dos casos o escravo fica livre, excepto no caso em que o dono diga: «olha, todos os meus bens foram deixados a fulano, meu escravo, menos a décima milésima parte deles.» [*Isto porque, nessa parte exceptuada, pode incluir-se o próprio escravo.*]

Shebiit (Ano sabático)

8,8 – Com o dinheiro conseguido na venda de frutos do ano sétimo não se podem comprar escravos, nem terrenos, nem animais impuros; no entanto, se se compraram, tem de se consumir (frutos) de valor equivalente. Não se pode oferecer o sacrifício de aves doentes ou que padeçam de fluxo sanguíneo ou de parturientes, usando o dinheiro obtido com a venda de produtos do ano sétimo. Mas, se se oferecem, tem de se consumir o equivalente.

Terumot (Oferendas)

7,3 – Se alguém der de comer da oferenda aos seus filhos menores ou aos seus escravos, sejam adultos ou menores, ou se alguém come da oferenda dos frutos da terra de Israel ou se come dela uma quantidade mesmo que menor do que o tamanho de uma azeitona, tem de pagar o valor, mas não o quinto. A indemnização considera-se produto da comunidade que pode ser dispensada pelo sacerdote.

Maaser Shení (Segundo dízimo)

O segundo dízimo – calculado a partir do primeiro dízimo das colheitas dado ao Templo –, tinha de ser consumido em Jerusalém, excepto no terceiro e no sexto ano do septénio, em que era entregue aos pobres, sendo, por isso, chamado «dízimo dos pobres».

Yomá (Dia do Perdão)

8,9 – Àquele que diz: «pecarei e me arrependerei, pecarei e me arrependerei», não se lhe dará a possibilidade de fazer penitência. «Pecarei e o Dia do Perdão o perdoará», o Dia do Perdão não o perdoará. As transgressões do homem contra Deus, o Dia do Perdão as perdoará, mas os pecados contra o próximo, o Dia do Perdão não os perdoará, se o próximo não os perdoar. Isto mesmo explicava Rabi Eleazar ben Azarías: de todos os pecados contra o Senhor sereis purificados, isto é, os pecados contra Deus expia-os o Dia do Perdão; os pecados contra o próximo o Dia do Perdão não os perdoa, até que o próximo os perdoe.

Kettubot (Documento matrimonial)

3,8 – Uma jovem [de 12 a 12,5 anos] não pode ser vendida [pelos pais], sob pena de terem de pagar uma multa [castigo da vergonha]. No caso da mulher adulta não se paga multa pois está absolutamente interdita a sua venda.

8,5 – Se a mulher receber (em herança do pai) escravos ou escravas de idade, pode vendê-los e adquirir com o seu valor um terreno do qual o seu marido terá o usufruto. Rabán ben Gamaliel, porém, ensina: não necessita de vendê-los, pois constituem um título de honra para a casa de seu pai. Poderá vender, sim, olivais e vinhas e com esse dinheiro adquirir um terreno de que seu

marido terá o usufruto. Em consonância, R. Yehué ensina: não os pode vender porque constituem um título de honra da casa do seu pai.

Sotá (Adúltera suspeitosa)

3,8 – Que diferença há entre um homem e uma mulher? [...] O homem pode vender a sua filha, a mulher não. [...] O homem pode ser vendido por cometer um roubo, a mulher não.

Guittín (Documento de divórcio)

Os princípios a considerar para a validação e reconhecimento público do «Documento de divórcio» são, essencialmente, os mesmos para considerar a validação e o reconhecimento público do «Documento de alforria» de um escravo.

9,3 – R. Yehudá disse: A parte essencial do documento de concessão da liberdade do escravo era: «tu és homem livre» ou «tu podes dispor de ti mesmo».

Êxodo

20, 1. 8-11; 21, 1-3: Deus pronunciou estas palavras, dizendo: «Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egípto, da casa da servidão. [...] Recorda-te do dia de sábado, para o santificar. Trabalharás durante seis dias e farás todo o teu trabalho. Mas o sétimo dia é o sábado consagrado ao SENHOR, teu Deus. Não farás trabalho algum, tu, o teu filho e a tua filha, o teu servo e a tua serva, os teus animais, o estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que está neles, mas descansou no sétimo dia. Por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e santificou-o.

São estas as normas que porás diante deles: quando adquirires um escravo hebreu, ele servirá seis anos; mas no sétimo, ele sairá em liberdade, sem nada pagar. Se veio sozinho, sairá sozinho; se tinha uma mulher, a sua mulher sairá com ele.

Deuterónimo

15, 12-15: «Quando um dos teus irmãos hebreus, homem ou mulher, te for vendido, servir-te-á seis anos; mas no sétimo ano terás de o deixar sair da tua casa, restituindo-lhe a liberdade. E quando libertares do serviço esse escravo, não o despedirás de mãos vazias, mas dar-lhe-ás um presente do teu gado miúdo, do teu celeiro e do teu lagar; dar-lhe-ás uma parte dos bens com que o SENHOR te houver favorecido. Recorda-te que foste escravo no país do Egípto e que o SENHOR, teu Deus, te libertou. Por isso, eu hoje te prescrevo este mandamento.

24, 14-15: Não explorarás o trabalhador pobre e necessitado, seja um dos teus irmãos, ou um dos estrangeiros que estão na tua terra, nas tuas cidades. Dá-lhe o seu salário no próprio dia, antes do por do sol porque ele é pobre e espera-o com ansiedade. Assim, ele não clamará contra ti ao Senhor, e não serás acusado desse pecado.

Levítico

25, 39-43: Se o teu irmão empobrecer, junto de ti, e se se vender a ti, não exigirás dele um trabalho de escravo. Estará contigo como um jornaleiro, como um inquilino; servirá em tua casa até ao ano do Jubileu. Então, sairá da tua casa, assim como os seus filhos; voltará para a sua família e recobrará os bens dos seus pais. Porque são meus servos, que fiz sair da terra do Egito, não devem ser vendidos como se vende um escravo. Não o domines com dureza para temeres o teu Deus.

Isaiás

3, 1-15: Eis que o Senhor DEUS do universo tirará de Jerusalém e de Judá todo o sustento: todo o sustento de pão, todo o sustento de água; [...] Jerusalém, com efeito, ameaça ruína, e Judá vai caindo, porque as suas palavras e as suas acções são contra o SENHOR. Insultam a glória de Deus. O seu ar insolente depõe contra eles; ostentam publicamente, como Sodoma, os seus pecados. Ai deles, porque são causa da sua própria ruína.

Feliz o justo, porque terá o bem, comerá o fruto das suas obras. Ai do ímpio, porque terá o mal, será tratado segundo as suas obras. [...] O SENHOR levanta-se para acusar, e ergue-se para julgar o seu povo. O SENHOR entrará em juízo contra os anciãos e os chefes do seu povo: «Vós devorastes a minha vinha, e os despojos dos pobres enchem as vossas casas.

Por que razão calcais aos pés o meu povo, e macerais o rosto dos pobres? Oráculo do Senhor DEUS do universo.»

Amós

2, 6-7.13-16; 8, 4-7: Assim fala o SENHOR: «Por causa do triplo e do quádruplo crime de Israel, não revogarei o meu decreto. Porque vendem o justo por dinheiro e o pobre, por um par de sandálias; esmagam sobre o pó da terra a cabeça do pobre, desviam os pequenos do caminho certo. Porque o filho e o pai dormem com a mesma jovem, profanando o meu santo nome.

[...]

Pois bem! Eis que vos vou esmagar contra o solo como esmaga um carro bem carregado de feno. O homem ágil não poderá fugir, o forte em vão recorrerá à sua força, o valente não salvará a sua vida. O que maneja o arco não resistirá, nem o homem de pés ligeiros escapará, nem o cavaleiro

salvará a sua vida. E o mais corajoso entre os valentes fugirá nu, naquele dia - oráculo do SENHOR.»

[...]

Ouvi isto, vós que esmagais o pobre e fazeis perecer os desvalidos da terra, dizendo: «Quando passará a Lua-nova, para vendermos o nosso trigo, e o sábado, para abirmos os nossos celeiros, diminuindo o efá, aumentando o siclo e falseando a balança para defraudar? Compraremos os necessitados por dinheiro e o pobre por um par de sandálias, e venderemos até a que fica no restolho do nosso trigo». O SENHOR jurou contra a soberba de Jacob: «Não esquecerei jamais nenhuma das suas obras».

Mateus

25, 31ss: «Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória. Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos.

O Rei dirá, então, aos da sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.'

Então, os justos vão responder-lhe: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?' E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: 'Em verdade vos digo: **Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.**'

Em seguida dirá aos da esquerda: 'Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e para os seus anjos! Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, era peregrino e não me recolhestes, estava nu e não me vestistes, doente e na prisão e não fostes visitar-me.' Por sua vez, eles perguntarão: 'Quando foi que te vimos com fome, ou com sede, ou peregrino, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não te socorremos?' Ele responderá, então: 'Em verdade vos digo: **Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.**' Estes irão para o suplício eterno, e os justos, para a vida eterna».

"Clube de Filosofia Al-Mu'tamid"
Mundo – Sociedade – Religião – Cultura

*A realeza está no manejo dos livros
Deixa as correias da soldadesca!*
Al-Mu'tamid

Na base das culturas do Mediterrâneo depararmo-nos com os espaços de encontro, de afirmação e de disputa de ideias. Seja o *megaron* micénico ou a casa comunitária castreja, seja a sinagoga ou a *eclesia*, sempre a ideia de encontro e de assembleia esteve no que de mais essencial afirmou uma identidade ao longo de milénios: primeiro acolhe-se, dá-se alimento, afirma-se o dever de hospitalidade, depois questiona-se a identidade, de onde vem e para onde vai.

Reunindo uma área científica que se debruça sobre o Fenómeno Religioso, e uma comunidade religiosa, temos como objectivo ultrapassar os constrangimentos que muitas vezes a sociedade apresenta.

Organização do "Clube de Filosofia Al-Mu'tamid":

- Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona
- Comunidade Islâmica de Lisboa (Comissão Social Cultural e de Formação)